

# Fiquei de frente para a morte

A parada rápida na loja de conveniência transformou-se em vinte horas de inferno

POR CHRISTOPHER W. DAVIS

TAMMI SMITH acordou cedo e vestiu calças *jeans* e camiseta branca. Ela precisava comparecer ao tribunal em Shelbyville, em Indiana, por causa de uma pequena infração de trânsito. Acordando o marido, Shawn, com um beijo, avisou que ia usar a *van*. As crianças já estavam de pé, comendo cereal e assistindo a desenhos na TV. Quando saísse do tribunal, Tammi estava pensando em passar na manicure e depois comprar refrigerantes numa loja de conveniência antes de ir para casa.

A 130 quilômetros dali, na estrada interestadual que passava por Cincinnati, Ohio, estavam Dennis McAninch e seu amigo Joseph G. Scalf, que também tinham de ir ao tribunal. Ambos eram acusados de roubo. Dennis, ex-presidiário, 34 anos, já fora condenado várias vezes por crimes



graves e estava em liberdade condicional depois de ter passado cinco anos na cadeia, por roubo. Mas, em vez de comparecerem ao compromisso, Dennis e Joseph foram para Indiana, no Ford branco de Dennis.

Em Batesville, um policial que estava de folga viu o carro passando devagar por um dos bairros. Havia ocorrido muitos roubos por ali recentemente, e os ocupantes daquele carro pareciam estar avaliando as casas da redondeza. Pelo rádio, o policial passou uma descrição do carro para as viaturas da polícia, e em poucos minutos uma delas já estava no encalço de Dennis e Joseph.

Dennis parou no acostamento e levantou a camisa, mostrando a Joseph a pistola automática 9 mm que tinha presa ao cinto. Deixou o motor liga-

QUANDO SAIU da manicure, Tammi parou em frente à loja de conveniência Bigfoot. Com a intenção de dar uma passada rápida apenas para comprar os refrigerantes, deixou as chaves e o celular no banco do carro.

TENTANDO fugir, Dennis acabou batendo em outro carro, causando danos ao seu Ford, que mal pôde sair da estrada e chegar ao estacionamento da Bigfoot. Ele correu para a loja enquanto os carros da polícia, que vinham logo atrás deles, chegavam. Joseph levantou as mãos pela janela do passageiro e se entregou. Dennis continuou correndo e disparou duas vezes na direção dos policiais.

Tammi estava no caixa, quando um homem atarracado, de camisa branca de manga comprida e calças

## "Não atire", disse Tammi.

do. E, quando o policial se aproximou, atirou e acelerou o carro.

O CASO DE TAMMI foi resolvido rapidamente e ela não teve de pagar multa. Ao sair do tribunal, viu que ainda tinha tempo de passar na manicure.

DENNIS CHEGOU a dirigir a 200 quilômetros por hora na Interestadual 74, contornando as faixas de isolamento que a polícia colocara na estrada para interditá-la e jogando pela janela chaves de fenda, garrafas e tudo o que conseguisse encontrar para atingir os policiais que os perseguiram.

## "Eu tenho

jeans, entrou com um estrondo pela porta da frente, com uma arma na mão. "Saíam todos ou mato vocês!"

Duas funcionárias correram para a porta dos fundos. Dennis pulou o balcão e encurralou o caixa perto da registradora. Sem saber o que fazer, Tammi se encolheu atrás de uma das estantes no fundo da loja.

Mas Dennis a viu e gritou: "Ei! Você! Levante e venha pra cá!"

*Tudo bem, pensou Tammi, isso é o que Deus quer para mim hoje. Eu pos-*

*so morrer. Não preciso ter medo de morrer. Todos têm sua hora. Talvez esta seja a minha.*

**E**NQUANTO OS carros da polícia se acumulavam no estacionamento, Dennis pediu que o caixa trancasse a porta da frente. O rapaz contornou o balcão, trancou a porta e pôs a chave no bolso. Então, vendo que Dennis estava com a atenção voltada para os policiais, correu para a porta de trás. Tammi agora estava sozinha com o bandido.

Dennis agarrou-a pelos cabelos, forçou-a a ir até a janela e colocou a arma em sua cabeça – mostrando à polícia que tinha uma refém.

“Não atire, por favor!”, disse Tammi, começando a chorar. “Eu tenho filhos...” Dennis virou a arma em outra direção e atirou nos policiais pela janela. Depois arrastou Tammi até os

**filhos.”**

fundos da loja e levou-a para um escritório sem janelas – um lugar apertado, com uma mesa, duas cadeiras, um telefone e dois monitores de computador, um deles mostrando imagens das câmeras de segurança que ficavam dentro da loja.

Dennis mandou que Tammi se sentasse e sentou-se ao lado dela. E a espera começou. Tammi sabia que só teria chance se ficasse calma, não demonstrasse nenhuma emoção e tentasse conversar com o bandido.

O telefone do escritório tocou. Uma das chamadas era da repórter de uma estação de rádio de Indianápolis, que soubera da perseguição feita pela polícia e queria conversar com as pessoas envolvidas. Dennis lhe contou que tinha uma refém e pediu-lhe que ligasse para uma amiga sua. A repórter colocou ambos numa audioconferência e depois mostrou trechos da conversa no ar.

– E aí, meu amor? – ele perguntou.

– Tudo tranqüilo – respondeu a mulher. – Qual o problema?

– Estou num posto de gasolina. Tem uns 50 policiais lá fora. Eu atirei neles... Acho que eles vão me matar.

A mulher tentou argumentar.

– Não dá pra você sair com as mãos pra cima? – perguntou ela.

Nada fez Dennis mudar de idéia.

As horas passaram e Tammi perguntou se poderia ir ao banheiro, mas Dennis disse: “Amor, não posso deixar você ir. Eles podem atirar pelas janelas.” Mas, depois de algum tempo, permitiu que ela usasse uma das latas de lixo.

Finalmente a polícia grampeou a linha telefônica. Agora, um negociador policial controlava o único acesso de Dennis ao mundo lá fora.

Na primeira ligação, o negociador perguntou a Dennis quem era a refém, se ela estava bem, se ele ou ela precisavam de cuidados médicos. Depois, iniciou uma conversa, com intenção de manter Dennis calmo.

Tammi estava tentando fazer a mesma coisa. Ela pegou fotos de sua família na carteira.

- Esta é minha filha - disse. - Ela é chefe de torcida. Tem 10 anos. Não é linda?

Dennis olhou a foto.

- É, ela é muito bonita.

- Você tem filhos? - perguntou Tammi.

Ele disse que sim, uma menina de 13 anos, mas não tinha nenhuma foto.

Tammi tentava se familiarizar com Dennis. Ganhar sua confiança. Já lhe parecia óbvio que ele não esperava sair vivo dali. Ela precisava encontrar uma forma de convencê-lo a não levá-la com ele.

**E**NTRE UM telefonema e outro, Dennis verificava como era a loja por dentro. A entrada dos fundos era uma grossa porta de frigorífico com uma grande maçaneta de metal. Dennis apoiou uma escada contra a maçaneta e construiu uma barricada com caixas de comida. Enquanto isso, Tammi fazia com que ele continuasse a falar, mencionando qualquer coisa que pudesse interessá-lo. Ele tinha uma tatuagem do lado direito do pescoço - seu signo, Virgem. No braço direito, dois nomes de mulheres; um era o nome da filha. No esquerdo havia um poema para os pais dele. Tammi só conseguia ler o último verso: "Que não haja mais lágrimas." Ela registrou tudo.

- Sua filha precisa de você - afirmou ela. - Você sabe disso, não sabe?

- Sei, sim - disse Dennis.

- Você precisa desistir - prosseguiu Tammi, mantendo a voz calma, tentando não soar mandona ou insis-

tente, e mais como uma amiga que dá um conselho. E repetiu o que a polícia dissera mais cedo: "Entregue a arma para mim. Coloque num saco. Eu levo lá *pra* fora. Você pode cumprir a pena e depois ficar livre."

- Não posso fazer isso - respondeu Dennis.

HAVIA DINHEIRO espalhado por toda parte. Dinheiro empilhado na mesa do escritório. Cheques nominais para a Bigfoot por todo lado. Maços de dinheiro atrás das cadeiras. Dennis colocou mil dólares nos bolsos. Tirou US\$ 350 da pilha que estava sobre a mesa e deu para Tammi.

- Não posso ficar com isso - ela explicou. - Não sou ladra.

- Pegue - ele insistiu. - Coloque na carteira. Anda!

Tammi tentou fazê-lo desistir.

- Só quero ir para casa preparar o jantar da minha família.

- Não posso deixar você ir. Você é minha garantia - disse Dennis. - Só por sua causa é que ainda estou vivo.

A SWAT - equipe da polícia americana especializada em situações de emergência - entrou em cena. A polícia pôs atiradores em locais estratégicos. Um centro de comando móvel fora montado a uns 500 metros da loja. A imprensa chegava em massa.

Alertado pelas notícias, o marido de Tammi, Shawn, os pais dele, a mãe e o padrasto dela foram até o posto. Foi pedido a um capelão da polícia que ficasse com eles. Os policiais disseram à família de Tammi que ela



Dennis McAninch numa foto do Departamento de Reabilitação e Correção de Ohio. Abaixo, seu carro batido em frente à loja de conveniência Bigfoot.



não estava ferida. Garantiram que fariam tudo para que ela saísse ilesa. Um dos policiais disse à imprensa: “Estamos preparados para ficar conversando com ele até que o último chocolate da loja tenha sido comido.”

QUINZE HORAS se passaram. Dennis ficava o tempo todo parado, pensando, batendo com a arma de leve na cabeça e fazendo exigências ao negociador. Ele queria visitar o túmulo da mãe antes de voltar para a cadeia, queria que seu comparsa, Joseph Scalf, fosse solto, queria falar com a filha, queria que uma equipe de TV o filmasse no momento em que ele se entregasse para ninguém alegar depois que ele não o fizera, e queria cervejas geladas. “Tanto lugar para assaltar”, lamentou, “e fui escolher um que não vende cerveja...”

Durante todo o tempo, Tammi estava perto o suficiente de Dennis para pegar a arma mas, mesmo que conseguisse arrancá-la, não seria capaz de usá-la. “Você é uma refém legal”, disse ele, e depois falou para os policiais: “Essa desgraçada é corajosa!”

Aos poucos, Dennis começou a se abrir com Tammi. Confessou que sofria de distúrbio bipolar e que usava Valium. Ele tinha maconha e começou a fumá-la, oferecendo a Tammi uma tragada. Ela recusou.

À meia-noite, Tammi disse que estava se sentindo mal. Ele deixou que ela fosse até a pia vomitar. E depois ficou preocupado.

– Você está bem? Quer um pouco de leite *pra* acalmar o estômago?

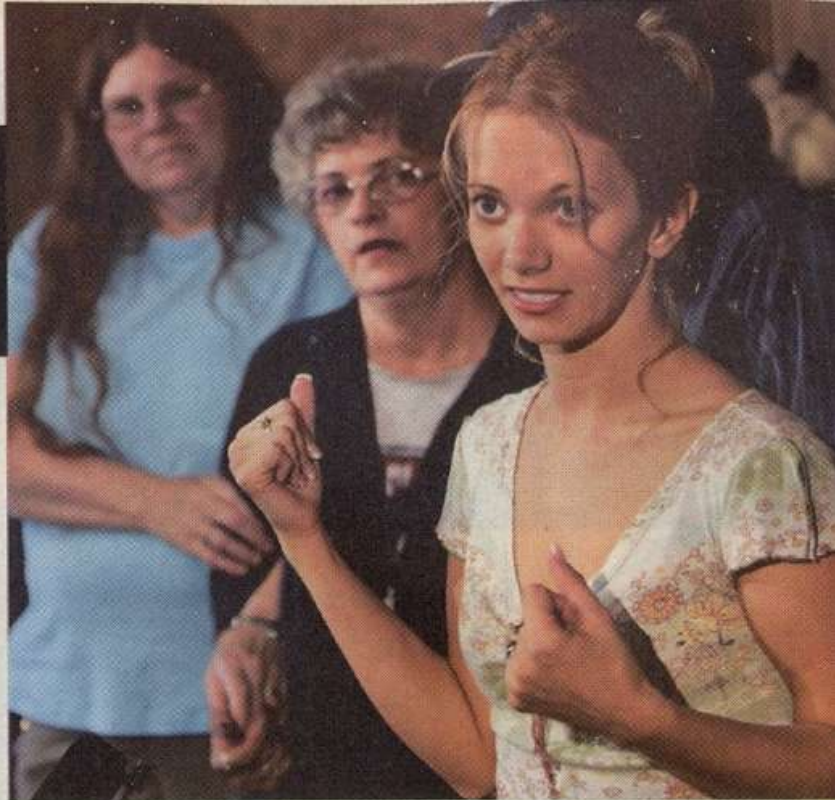
– Quero – ela aceitou.

Dennis pegou o leite. E em seguida começou a andar de um lado para o outro. Alguns minutos depois, foi até a pia e começou a vomitar também. Quando voltou, Tammi percebeu que ele estava em pânico e perguntou:

– Você está com medo?

Dennis não respondeu. Então ouviram o barulho de helicópteros. Tammi voltou a pedir que Dennis a deixasse ir. Estava cansada, sentindo-se mal.

Tammi Smith, em casa com a família, depois de ter sido solta; a mãe, Cindy Hadix, está à sua direita.



**M**AIS OU MENOS às duas da manhã, Dennis juntou várias caixas de papelão achata-das e colocou-as no chão. Ele achou alguns uniformes dos funcionários da Bigfoot nos fundos e colocou-os por cima das caixas para fazer uma cama. Quando se deitou, bloqueando a porta da frente e com a arma nas mãos, ele perguntou a Tammi:

– Quer fazer alguma coisa?

– O quê?! – reagiu, surpresa e irritada.

Dennis ficou parado olhando para ela enquanto os minutos se passavam. Até que disse:

– Tá legal, vou deixar *pra* lá.

Tammi observou enquanto ele fechava os olhos. *E se ele dormir?*, pensou. *Será que devo correr?* Acabou decidindo que não. As portas estavam trancadas, Dennis ainda tinha a arma e, até onde Tammi pôde ver, ele nunca chegou a dormir.

O negociador ligou de novo, oferecendo a Dennis um celular, pois havia muita estática na linha fixa.

– Mande a Tammi pegar – ele disse. Iam deixar o aparelho do lado de fora da loja.

– Só vou deixar que ela vá aí fora quando vocês forem mais *pra* longe – disse Dennis.

Aproveitando uma chance, Tammi

decidiu se arriscar e, andando até a porta, empurrou a maçaneta. “Está trancada!”, gritou para a polícia.

– Volte aqui! – ordenou Dennis.

– Deixe eu ir pegar o telefone. Eu vou voltar – pediu Tammi.

Dennis concordou, mas queria ter certeza de que a “garantia” voltaria.

Ele começou a revirar a loja, procurando por algo. Subitamente pegou um aspirador de pó e o desmontou com uma chave de fenda. Arrancou o fio do aparelho e o amarrou em volta da cintura de Tammi.

Segurando-a por essa corda improvisada, Dennis deixou que Tammi saísse pela porta da frente – que, nesse meio-tempo, os policiais haviam destrancado sem que ele visse. Tammi saiu e procurou, mas não conseguiu encontrar o telefone. Furioso, Dennis puxou-a para dentro.

Na linha fixa cheia de estática, a polícia explicou que um novo celular fora amarrado a um poste bem em frente à porta. Mas Dennis não deu ouvidos.

Enquanto o sol nascia, especialistas em demolição que trabalham para a polícia colocaram explosivos em volta da porta de trás. Uma equipe da SWAT estava preparada para explodir a porta e invadir a loja. Ao mesmo tempo, Dennis mudou de idéia e decidiu deixar que Tammi saísse mais uma vez para pegar o celular, ainda segurando-a pelo fio. Ela abriu a porta, deu alguns passos, viu o telefone no chão e se adiantou para apanhá-lo.

Policiais escondidos pegaram seu braço e tentaram arrancá-la das mãos de Dennis. Durante alguns segundos, Tammi ficou presa num cabo-de-guerra. Mas Dennis conseguiu puxá-la para dentro.

- Para trás! - gritou para a polícia.  
- Para trás! - Ele atirou uma vez.

Os policiais atiraram de volta. Uma equipe da SWAT explodiu a porta dos fundos e outra invadiu a loja pela frente.

- Parem de atirar! - gritou Tammi.  
- Estou aqui! - Ela caiu no chão e pegou uma embalagem de latas de refrigerante para proteger a cabeça.

O tiroteio parou. Tammi olhou para Dennis, deitado por cima de sua perna. Havia ferimentos a bala no braço, na perna e no peito dele.

Tammi não gritou nem chorou. Não sabia se devia correr ou não. Achava que Dennis ainda podia lhe dar um tiro. Mas ele estava morrendo. Ele havia se matado - recusava-se a voltar para a prisão.

LÁ FORA, CHOVIA. Tammi perdera um sapato. Amparada por dois policiais, ela cruzou o estacionamento molhado pulando em um só pé. Eles a levaram até o *trailer* onde funcionava o centro de comando para se recuperar e conversar com os negociadores. Por incrível que pareça, o único ferimento que tinha só estragara o trabalho da manicure - ela quebrara uma unha.

Shawn correu até o *trailer* ao seu encontro. Eles se abraçaram sem conseguir dizer uma palavra, e ele começou a chorar. Mas Tammi estava exausta demais para isso.

Ela não chorou naquele dia, nem naquela noite e nem no dia seguinte. Foi só por volta da meia-noite do segundo dia que começou a chorar.

Desde criança, Tammi Smith tivera pesadelos sobre alguém que surgia do nada para matá-la com uma faca ou uma arma de fogo. Depois dessa experiência, nunca mais os teve.

## SINAL DOS TEMPOS

Enquanto assistia a um desenho animado, Dave, meu neto de 5 anos, me perguntou se eu havia visto o mesmo programa quando era pequena. Disse a ele que não existia TV na época. Convencido de que eu estava brincando, ele me perguntou:

- Então como é que você fazia para assistir às fitas de vídeo?